

Cacimbinhas – O Município de Pinheiro Machado

FERNANDES, Sibeli; BORGES, Emilene Silveira; SCHLABITZ, Douglas Barbosa; SILVA, Fernanda Graciela da; SOUZA, Edna Almeida; ¹ VIEIRA, Sidney Gonçalves. ²

¹ Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Geografia, ICH/UFPel
Estagiários do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais
douglas_schlabitz@hotmail.com

² Orientador, Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, ICH/UFPel.
sid_geo@hotmail.com
Rua cel. Alberto Rosa, 154 - Bairro Porto – Pelotas.

O município de Pinheiro Machado localiza-se na região sul do estado do Rio Grande do Sul, na microrregião da serra do sudeste, entre os municípios de Pelotas e Bagé ficando a 350 km de distância da capital do estado. Possui área de 2.227,90 km², divididos em quatro distritos, sendo sede o distrito de Pinheiro Machado, conta também com Torrinhãs com sede em Vila das Torrinhãs, Candiota com sede em Vila Umbu e Pedras Altas com sede em Pedras Altas. A população do município é de 14.594 habitantes, sendo que 73,77% moram na parte urbana e 26,23% na parte rural (IBGE 16/04/2008).

Esse município encontra-se a 436 m de altitude, o clima na maior parte do ano é frio, sendo a média de temperatura de 2°C a 18°C, o relevo apresentasse bastante irregular, sendo cortada por duas serras, a dos Veledas e dos Passarinhos e também se destaca os cerros: Porongos, Baú, Pedreiras e cerro dos Cachorros, que exporta pedras para Europa e Oriente. Na rede hidrográfica possui um grande número de riachos e sangas, entre eles o rio Camaquã e o Arroio Candiota. Nos recursos naturais encontra-se cimento e calcário, o último com bem mais abundância e considerado de excelente qualidade. Na fauna as espécies mais características do município são lebre, tatu, raposas, gambá entre outros, na flora as espécies mais características são as árvores nativas como corunilha, aroeira, canela, eucalipto (não há desenvolvimento em grande escala na silvicultura). Na educação existem atualmente no município dez escolas com aproximadamente 3.200 estudantes matriculados.

Dados gerais sobre o município:

Localização: Microrregião da Serra do Sudeste - Mesorregião Sudeste Rio-Grandense

Área do Município: 2.227,90 Km²

População: 14.594. Urbana: 10.767 (73,77%) Rural: 3.827 (26,23%) Homens: 7.462 (51,13%) Mulheres: 7.132 (48,87%)

Altitude: 436m

Latitude: - 31,578 **Longitude:** - 53,381

Densidade Demográfica (2000): 5,7

Ano de Instalação: 1878

Distância de Porto Alegre: 370 km

Número de Distritos: 04

Clima: O clima na maior parte do ano é frio, com média de temperatura variando entre 2°C e 18°C

Solo: Caracteriza-se por ser raso e com a presença de aflorações de rochas.

Relevo: Apresenta-se bastante irregular, destacando-se a Serra do Passarinho, Serra do Velleda e Serra das Asprezas. Também destaca-se a formação de inúmeras cerros,

especialmente no 2º Distrito.

Rede Hidrográfica: Possui um grande número de riachos e sangas. Na divisa com os Municípios de Santana da Boa Vista e Caçapava do Sul, localiza-se o Rio Camaquã, que constitui a Bacia Hidrográfica do Camaquã.

Recursos Naturais: Destaque para a grande quantidade de calcário, considerado de excelente qualidade.

Fauna: As espécies mais características do município são: lebre, tatu, raposa, gambá, capivara, guaxaim (sorro), chimango, perdiz, caturrita, quero-quero, jacu, seriema, pomba do mato (pombão), cardeal, periquito, tico-tico, João-de-barro, lagarto, cobra cruzeira, cobra verde, traira, jundiá, lambari, etc.

Flora: As espécies mais características do município são: pitangueira, coronilha, corticeira do banhado, canela branca, butiá, branquilha, canela preta, pinheiro brasileiro, aroeira preta, aroeira cinzenta, aroeira periquita (anacauita), etc.

Economia: Baseada principalmente na Agricultura, Pecuária, Extração de Pedras para Exportação, Pedras de Revestimento e Produção de Cimento. Outro grande destaque é a Viticultura, que, devido à característica do Clima da Serra do Sudeste, favorece à elaboração de vinhos finos de alta qualidade.

Comércio: Aproximadamente 380 estabelecimentos.

Educação: Existem atualmente no Município 10 Escolas, com aproximadamente 3.200 estudantes matriculados.

Saúde: O Município possui 02 hospitais (um na sede e outro no distrito de Torrinhas), 03 Postos de Saúde e 01 Centro de Atenção à Saúde.

Habitação: Imóveis urbanos: 3.859 (68%); Imóveis rurais: 1.833 (32%)

Nº de Veículos (DETRAN/RS - Jul/03): 2657

Núcleos Habitacionais Urbanos: 07

Saneamento básico: Urbano: 90% com fossa absorvente e galeria de esgoto não tratado; Rural: 50% com fossa séptica e poço absorvente.

Abastecimento de Água: Zona Urbana: 99% água tratada; Zona rural: 100% água de poço/cacimba

Energia Elétrica: Zona Urbana: 98% com energia elétrica; Zona rural: 33% com energia elétrica

Coleta de Lixo: Residencial e comercial: 100% coletado; Hospitalar e ambulatorial: 100% incinerado

Telefonia: Telefones Residenciais: 1600; Telefones Comerciais: 300; Telefones Públicos: 57

O município possui diversos atrativos culturais e turísticos, entre eles a praça central Angelino Goulart, Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz (ver figura 1.1), Teatro Municipal Ludovico Pórzio, Clube Social Comercial, Gruta Nossa Senhora da Luz, Centro Cacimbhense de Tradições Gaúchas: CTG Lila Alves, Parque da Associação Rural – Parque Charrua e a Feovelha.



(Fig. 1.1). Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz edificada em 1935, no mesmo local da Capela que havia sido construída em 1852.



Cacimba vista juntamente com a imagem de Nossa Senhora da Luz, localizada na Igreja com o nome da Santa.



Prédios históricos fazem parte da paisagem do município de Pinheiro Machado, como este mostrado na foto, construído no ano de 1922.

Hoje a cidade se expande para noroeste, através de um loteamento para uma classe mais alta; visto que o centro não traz atrativos a construção civil. Também é feito um trabalho de saneamento e a preocupação com a moradia não é inferior a da década de 70, pois existe em andamento um loteamento popular a sudeste do município.

Não diferentemente dos diversos municípios sul-rio-grandenses, Pinheiro Machado tem a presença da praça e seus monumentos arquitetônicos no centro do núcleo urbano, bem como elementos periféricos como as ferrovias, as feiras...

Na estrutura urbana Pinheiro Machado é uma cidade que remonta à época de sua fundação, possui traço geométrico quase que perfeito, suas ruas e avenidas, em número de sessenta e oito, são largas com largura média de 12 metros com seu perímetro central todo calçado, com paralelepípedos, cujos traçados hoje mapeados, foram usado esquadro e compasso para lhe dar a delineação de seu planejamento, orientando de Norte a Sul e leste a oeste, a não ser a áreas recentemente loteadas, as demais são todas calçadas. As ruas da cidade e suas praças estão bem iluminadas, com luminárias a base de vapor de iodo, sendo estas e toda a cidade alimentada com energia elétrica da Termoelétrica Presidente Médici, de Candiota. A cidade dispõe hoje de amplas galerias fluviais, subterrâneas, que obedece as principais quedas naturais, é alimentada por água potável e com muito boa rede hidráulica, para o fornecimento e distribuição, e esta a cargo da Corsan.

Primeiros habitantes - História e origem de “Cacimbinhas”

Mais ou menos no século 18, fim da época missioneira, Cacimbinhas com seu aldeamento indígena na Serra das Asperezas, já figurava na história do pampa gaúcho; este aldeamento teve como Cacique da tribo o índio “IBITYRUÇU” – “que quer dizer serrania” – que nestas plagas de Cacimbinhas foi o primeiro marco humano de nossa história.

Como é sabido o homem é habitante do território do Rio Grande do Sul há mais de 12.000 anos, isto nos é assegurado pela existência de “SAMBAQUIS”, principalmente nas margens da Lagoa dos Patos.

Nos assegura o historiador João Cezimbra Jacques um dos historiadores mais antigos do Rio Grande do Sul, que nas proximidades de Cacimbinhas, localizando-se entre o Cêro dos Cachorros, Lagoa Negra e Serra das Asperezas, houve um aldeamento indígena, o que se comprova até hoje, primeiro pelos acidentes geográficos mencionados e segundo, por existirem, ainda, no local marcos como legendas gravadas ilegíveis, pelo tempo que ali estão. Documentada, ainda, a existência desta aldeia nos reportamos a acontecimentos ocorridos no aldeamento de Santa Maria, que tiveram ligações e continuidade no aldeamento de Cacimbinhas.

No Rio “TAIMBÉ” – quer dizer “beira de pedra” errava numerosa tribo indígena da valente Nação Minuano, que ali aldearam e que chamaram-na de “IQUYTORY”, que quer dizer “terra alegre”. Era chefe da tribo o valente índio “JAPAGANI” – que quer dizer “Águia Negra” e que tinha como esposa a formosa índia “IBOTIQUITÃ” – que quer dizer “botão de flor”. Esta índia, num banho no Taimbé deu a luz a uma encantadora índia nascida dentro d’água, que se tornou personagem histórica, sendo batizada com o nome de “YMENBUY” – que quer dizer “filha da água”. Após alguns anos o cacique Japacani recebe chamado do Cacique Minuano “TAGUATOREBA” – que quer dizer “gavião dourado” – para comparecer numa “MONOHONGABA” – que quer dizer “Conselho ou Assembléia Indígena”, na Serra de Aceguá em Bagé. Atendendo o chamado da esposa e filha, a caravana numerosa ruma para essa cidade.

Chegando em Aceguá e após ser informado dos motivos da Assembléia, que era: primeiro ser fim de ano e era costume reunir-se as tribos amigas; segundo os perigos que de todos os lados estavam a ameaçar as tribos, pois desde Montividéu, onde Emboabas – Portugueses e Espanhóis rumavam ao Rio Grande do Sul.

Terminadas as reuniões, aplaudidas as resoluções, fica acertada pelo Cacique IQUITORY, uma missão para seu confrade JAPACANY que era a IBYTY – que quer dizer “Lagoa Negra”, esta com muitas lendas e cuja missão era pra convidar o Cacique Tape ali aldeado de nome IBITYRUÇU, para fazer parte de uma aliança formada pelas três tribos, Taimbé, Aceguá e Asperezas, aliança que fora aprovada em Aceguá, aceita também pelo Cacique das Asperezas, tendo sido acertado, de imediato, os detalhes para a aliança, este aldeamento que descrevemos fica a seis quilômetros de distância da Cidade de Pinheiro Machado.

Pinheiro Machado é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul. Até 1830, a área do município pertencia ao município de Rio Grande. Depois passou a integrar o município de Piratini, desmembrando-se em 24 de fevereiro de 1879, sob a denominação de Nossa senhora da Luz das Cacimbinhas.

Naquela época o transporte de mercadorias era feito geralmente em carretas, que seguiam os divisores de águas naturais, abria-se trilhas durante as viagens dos carreteiros. Tendo que percorrer longas distâncias, estabeleciam pontos de pouso naqueles lugares onde havia água potável em abundância.

E foi assim que, em torno de algumas ‘cacimbas’ naturais, tornou-se pouso preferido pelos carreteiros, nascendo um pequeno agrupamento social, que passou a ser conhecido como cacimbinhas.

Diz-se que um dos pontos onde os tropeiros paravam para descansar, era no local que atualmente se encontra a praça da cidade, pois contavam com água potável em um lugar agradável, envolvido por pedras. Das trilhas dos viajantes originou-se a avenida que chega ao cemitério.

A primeira Igreja foi a capela Nossa Senhora da Luz das Cacimbinhas. Segundo a lenda Dutra de Andrade teria perdido a visão e feito uma promessa de que se recuperasse a mesma ao lavar os olhos nas águas das cacimbinhas, mandaria construir uma capela em honra de Nossa Senhora da Luz e efetivamente o milagre ocorreu. A igreja foi construída em um terreno doado por Dutra de Andrade, em 10 de abril de 1851, que por lei N°215, 10 de novembro de 1851(apêndice N° 1) foi criada a capela Curato com invocação de Nossa Senhora da Luz, na coxilha Veleda. Em 1857, foi elevado a freguesia e em 1878 ocorreu a emancipação. As pessoas que trabalhavam pela emancipação foram: Florentino Bueno e Silva, José Maria Pinto, João Cândido da Rosa (fazendeiros), José Virgílio Goulart (militar) e o Dr. Saturnino Arruda (deputado). O município de Cacimbinhas teve seu nome mudado para Pinheiro Machado no governo do Intendente Provisório Dr. Ney Lima Costa quando o Senador José Gomes Pinheiro Machado foi assassinado no Rio de Janeiro, por Mânsio de Paiva, que era um morador da região de Cacimbinhas. A mudança de nome não foi aceita pela população, que se rebelou contra o Intendente, forçando-o a deixar a cidade.

De acordo com a SMEC da Prefeitura de Pinheiro Machado (2008), a povoação desse município se iniciou com brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, por volta de 1765. Os primeiros habitantes foram os açorianos Thomas Antônio de Oliveira e José Dutra de Andrade, que eram dos maiores proprietários do lugar, e receberam a Sesmaria na Coxilha do Veleda em 1790. Ainda em 1795, segundo é verificado “vultos do rio grande” (pg.153 e versos), referindo-se a fortuna de Rafael pinto bandeira assim escreve o autor – “dentre os seus inúmeros estabelecimentos e benfeitorias, cumpre destacar a valiosíssima estância do pavão, com mais de vinte mil léguas de tamanho, que se estendiam pelo lado sueste as margens do chamado grande saco da lagoa mirim até mais da metade da extensão do canal São Gonçalo onde faz confluência com este rio o rio Piratini; dali subindo pelo curso deste rio ia até a grande volta feita por ele, já próxima a cidade de Piratini; seguindo uma reta entrava por grande parte do município de Pinheiro machado (antiga cacimbinhas)...”

O primeiro colonizador branco foi o Brigadeiro Rafael pinto bandeira e também o primeiro gaúcho a assumir o governo do rio grande do sul.

Em 1787 o segundo a possuir terras em cacimbinhas foi o cabo de Rafael pinto bandeira, José Maria Rodrigues, que tinha a alcunha de ‘corrupiu’. Ele recebeu uma doação de terras do brigadeiro que pertencente ao município de cacimbinhas.

Seguindo com a colonização, segundo consta no registro geral de sesmaria da província de São Pedro do rio grande do sul, (em arquivos na cidade do rio grande livros 7 e 8) os primeiros açorianos a receberem sesmarias nesta coxilha chamada “COXILHA DOS

VELLEDA” ou vereda, foram Thomas Antônio de Oliveira (Nico) e José Dutra de Andrade, no ano de 1790 tendo cada um sesmeiro recebido uma área de três léguas de fundo por uma légua de frente fazendo divisa uma com a outra, na citada coxilha do Velleda, local onde está localizada a cidade de Pinheiro Machado.

Depois de doadas as terras, por Nico e Dutra, e definida a avenida das tropas, foi iniciado um traçado xadrez. Com a evolução desse traçado, caminho das tropas foi deslocado às periferias da cidade.

De 1880 a 1915, aproximadamente, ocorreu a instalação de inúmeros órgãos públicos que deram base a estrutura administrativa da cidade.

A partir de 1916, com o início do fornecimento de energia elétrica, verificou-se um notável crescimento social. Nesse período foram fundados clubes, a associação rural e instalado um banco.

Em 1934, foi incorporado pelo município uma faixa de terra de 520m que se encontrava em poder de Piratini.

Com a elevação à categoria de cidade, em 1938, Pinheiro Machado, a partir desse ano, viveu o auge de seu comércio, onde instalaram-se bancos, clubes sociais, escolas, o hospital, a biblioteca Pública e foi feito o Plano Diretor da cidade.

Na década de 60, com a implantação da BR, todo movimento de mercadorias acaba sendo feito às margens da cidade, tirando sua participação no fluxo das mesmas.

Por volta de 1970, o homem rural perde seu espaço no campo para a mecanização e começa a crise financeira da cidade. Nessa mesma década iniciam-se os loteamentos populares com finalidade social.

Antes da colonização portuguesa no Rio Grande

Após a Companhia de Jesus abrir a virgem cortina das matas na margem esquerda do Rio Uruguai para levantamento das “reduções” missioneiras, nos mesmos territórios que Rafael Pinto Bandeira, Manoel Santos Pedroso e José Borges do Canto, reincorporaram mais tarde, pelas armas ao patrimônio da Colônia Portuguesa, Pinheiro Machado já fora uma das rotas utilizadas por Rafael. Antes de 1737, data da ocupação definitiva do Rio Grande do Sul pelos portugueses, o município de Pinheiro Machado, pelo que registra, impõe-se a um estudo territorial mais profundo, em razão dos tratados de limites entre Portugal e Espanha, que tiveram grandes influências históricas no município de Cacimbinhas.

Ao analisar os Tratados de Madri e de Santo Ildefonso e suas conseqüências no território do Rio grande do Sul, notamos que, já existira antes, bulas papais que asseguravam aos portugueses as terras do Atlântico, entre elas as hoje pertencentes à Pinheiro Machado.

Com o Tratado de Madri, lavrado a 13 de Janeiro de 1750, planejado por Alexandre Gusmão, grande paulista, e ministro de D. João V, tinha seu início como linha divisória dos territórios Portugueses e Espanhóis, em Castilho Grande a Sudeste da Lagoa Mirim, onde a 9 de outubro de 1752 foi plantado o primeiro marco e o segundo local, Índia Morta, em

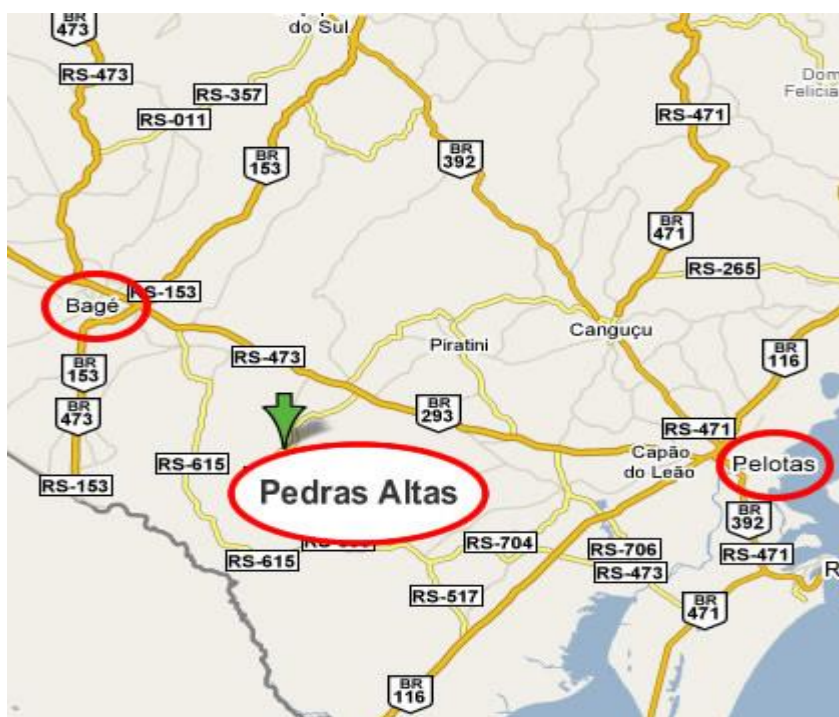
primeiro de março de 1753, sendo o terceiro, que recebe o nome de Reis, em razão do dia 6 de janeiro de 1753, prosseguindo pelo divisor da águas da bacia do Jaguarão, e daí pelo divisor de águas deste rio e sua bacia até o Rio Ibicuí em sua confluência no Rio Uruguai.

Estas divisas vinham da Coxilha Grande no município de Herval do Sul, passando pelo Cerro da Guarda em Pedras Altas, seguindo pela Coxilha da Tuna, e pela Serra do Velheda, indo passar no local histórico deste município denominado “GUARDA VELHA”, nas proximidades da BR 293, dali rumando pelos divisores de água até o Cêrro do Baú, ainda neste município, e pelo divisor de águas vai a Serra de Santa Tecla, no município de Bagé, ponto em que foram embargados na demarcação pelas forças missioneiras e pelos índios Guaranis, chefiados pelo Cacique Sepé Tiarajú, no histórico forte de Santa Tecla, Esta demarcação só teve prosseguimento depois da morte de Sepé Tiarajú e a total destruição do Forte.

Como é visto, neste documentário, este território, hoje município de Pinheiro Machado, já em 1750, tinha sua história ligada à história do Rio Grande.

Pedras Altas, o ex-distrito de Pinheiro Machado

Localização:



História

Pedras Altas herdou seu nome da própria região, devido às pedras existentes a uns três quilômetros da localidade. Em meados do século XIX a região era conhecida como "Coxilha das Pedras Altas". A denominação foi encontrada em cartas escritas à família, por um oficial "Farrapo" que estava acampado na localidade com as forças de Bento Gonçalves. A correspondência a qual estava escrita a denominação, foi publicada em um Almanaque de Porto Alegre no final daquele século.

Entretanto, Joaquina de Assis Brasil, em depoimento prestado ao historiador Antônio Dias Vargas, no dia 16 de fevereiro de 1969, disse-lhe o seguinte: "Os engenheiros da estrada de ferro, a procura de local adequado para instalação dos trilhos, descobriram duas pedras enormes, uma apoiada sobre a outra, com altura aproximada de cinco metros. Admirados com a obra da natureza, fizeram um esboço do achado, ao qual deram o nome de Pedras Altas".

Isto, segundo Joaquina, originou o nome da estação férrea. O início da povoação foi proporcionado pelo comendador Manoel Faustino D'Ávila, dono da estância "Vista Alegre", hoje "São Manoel", que em 1898 doou os terrenos de sua propriedade, situada na margem oeste de uma das estradas de acesso à estação férrea (atual rua Visconde de Mauá), à ex-agregados e amigos. Fatos importantes que marcaram a história do município: o estabelecimento da Granja Pedras Altas e seu idealizador, Joaquim Francisco de Assis Brasil, eminente figura de homem público do Rio Grande do Sul e do País; o "Tratado de Paz de Pedras Altas", que humanizaria a política; o Grupo Escolar Assis Brasil", criado em 1939, que alicerçou a educação; fundação do Hospital, por iniciativa de Lydia Assis Brasil, que garante atendimento médico à população e a emancipação, que é a esperança de um grande futuro.

Distância:

-32 km de Pinheiro Machado

-112 km de Bagé

- 132 km de Pelotas

-382 km de Porto Alegre

Município de Origem	Herval e Pinheiro Machado
Localidades que formam o município	Pedras Altas, outras
Nome do Prefeito	Silvio Marques Dias Neto
Partido do Prefeito	PSDB
Área (em Km ²)	1.381,00

Número de Habitantes	22568
Número de Eleitores	1.835
Número de estabelecimentos comerciais	15
Número de estabelecimentos	1

A SENTINELA DE PEDRA

O castelo de [Pedras Altas](#) se impõe nas desoladas planícies do sul do estado do Rio Grande do Sul como testemunha da história e patrimônio dos gaúchos. Nascido em São Gabriel, Joaquim Francisco de Assis Brasil - diplomata, político, revolucionário, agropecuarista e escritor - escolheu a sede do castelo em 1904. Situada a 30 quilômetros de Pinheiro Machado, Pedras Altas tem clima seco (altitude de 370 metros), pastagens abundantes e fontes de água. A pedra angular da fortaleza, de 44 cômodos, foi lançada em maio de 1909. Depois de ter atuado nas embaixadas de Washington e Portugal e discursado em parlamentos, Assis Brasil queria morar no campo. Também desejava oferecer conforto à segunda mulher, Lídia Pereira Felício de São Mamede, filha de José Pereira Felício, o segundo conde de São Mamede. Os dois se casaram em Lisboa, em 1898.

Pedras Altas impulsionou a atrasada pecuária gaúcha. Assis Brasil importou vacas [jersey](#) da Inglaterra, robustos touros [devon](#), cavalos [árabes](#) e ovelhas [karakul](#) e ideal. Só criava animais de raça, como galinhas White Wyandotte trazidas dos Estados Unidos. Ele também introduziu novas espécies de árvores, como o eucalipto, construiu estrebarias, galpões e porteiras que ainda funcionam. Ainda inventou utensílios, como a bomba de chimarrão de mil furos que jamais entope e leva o seu nome.

Assis Brasil ergueu a fortaleza com traços medievais numa das paisagens mais isoladas do Rio Grande do Sul para mostrar que era possível desfrutar a natureza sem ficar embrutecido. A idéia não era ostentar, mas enobrecer o campo. O diplomata, que privou com reis e chefes de Estado, achava que o arado e o livro eram as ferramentas do progresso. Em 1999, o governo tentou tombar o castelo de Pedras Altas como monumento histórico, mas a família de Assis Brasil recusou, preferindo manter o castelo com a família.

DIÁRIO DE CECÍLIA NARRA A VIDA NO CAMPO

Por entre as ameias do castelo de Pedras Altas, Cecília de Assis Brasil não contemplou apenas as ondulações vertiginosas do campo. Numa época marcada por sabres ensangüentados, botas embarradas e relinchos de cavalos, a jovem, que devorava as poesias do norte-americano Henry Longfellow (1807-1882) em inglês e ouvia sinfonias de Ludwig van Beethoven na solidão do pampa, registrou o cotidiano e as revoluções do início deste século. No seu diário, tão preciso quanto sensível, Cecília contou a vida no castelo e as conflagrações entre maragatos (libertadores de lenço vermelho no pescoço) e chimangos (republicanos de lenço branco).

Primeira filha do segundo casamento de Joaquim Francisco de Assis Brasil, Cecília era diferente da maioria das moças da virada do século. Ela nasceu em Washington, a 26 de

maio de 1899, quando Assis Brasil era embaixador nos Estados Unidos. Morreu aos 35 anos, solteira, fulminada por um raio quando cavalgava nas proximidades do castelo de Pedras Altas. As fotos mostram uma mulher de olhos morenos arrebatadores, mãos delicadas, feições suaves e um sorriso compreensivo.

Cecília guardava o castelo quando o pai precisava se ausentar, peregrinando pelas cortes em intermináveis discussões diplomáticas. Era caseira e culta, conciliava as tarefas domésticas com os estudos. Gostava de produzir queijos, bater manteiga, dar mamadeira a cordeiros órfãos, cuidar de uma ninhada de pintos, colher aspargos. Sabia o ponto exato da calda de doce de figo. Também acompanhava o desenvolvimento das vacas Jersey, importadas da Inglaterra, e das ovelhas Karakul. Divertia-se com os irmãos em pescarias de lambaris ou longas cavalgadas. Lia autores clássicos e revistas como a *Life* e *Les Annales* quase diariamente. Quando estava triste, preferia os poemas de Longfellow. Atenta, observava a movimentação de políticos e revolucionários que iam ao castelo se aconselhar com Assis Brasil.

Os diários de Cecília (compilados pelo jornalista Carlos Reverbel e publicados pela L&PM) demonstram o quanto a família Assis Brasil adorava o campo. A 24 de outubro de 1916, quando tinha 17 anos, Cecília anotou:

“Estive muito tempo parada, admirando os lindos touros Devon há pouco chegados. São duas magníficas estampas... Demos umas voltas a pé, de tarde, e as minhas companheiras tentaram convencer-me que São Paulo ou Paris são melhores do que o Ibirapuitã. Quando for a esses lugares saberei ao certo, mas por enquanto agarro-me ao meu ideal: a vida do campo. Sou assim, e agora?”

As anotações no diário mostram como era a rotina em Pedras Altas. Os Assis Brasil madrugavam, faziam serviços de casa e nunca descuidavam da educação. Cecília falava inglês e francês, mas também entendia o linguajar rude dos gaúchos. Tanto podia ler *The Jungle Book*, de Rudyard Kipling, como citar expressões do tipo "de vereda" (repentinamente), "mateando" (tomando chimarrão) e "bóia" (refeição). A três de janeiro de 1923 ela antecipou a inconformidade dos libertadores, liderados por Assis Brasil, com fraudes eleitorais que reconduziram Antônio Augusto Borges de Medeiros ao governo pela quinta vez:

“Encaixotei a manteiga para diversos fregueses (Cia Swift, C. Wigg, F. Lima, Hotel Schaefer e F. Amaral). Enviei também as contas do mês passado. Mandeí parar rodeio e dar sal ao gado. Os jornais continuam a trazer notícias alarmantes. Parece que o Chimango (os maragatos apelidaram Borges de Medeiros com o nome dessa espécie de gavião) está distribuindo armamentos. We are prepared.”

Em 19 de abril de 1923, Cecília alertava que a guerra era inevitável. Os moradores do castelo de Pedras Altas ficaram apreensivos e adotaram algumas providências: “é quase certa uma revolução, quando o Borges tomar posse. Os jornais publicam um telegrama do papai, aconselhando calma e dignidade diante das provocações, e a reagir com energia diante de ataques materiais... Decidimos esconder o que pudermos, sem dar nas vistas. Subi ao esconderijo, feito a propósito. Auxiliada pelas manas, lá depusitei diversas pastas de papéis, com a maior economia de espaço... Imagino só a aflição da mamãe, tão longe de nós. Antes de me deitar dei um tiro num cão que estava comendo lavagem na porta da cozinha”.

Cães e chimangos não eram bem-vindos. A revolução de 1923 convulsionou o Estado. Cecília e os irmãos tiveram de abandonar o castelo, exilando-se no Rio de Janeiro, onde já

estava o casal Assis Brasil. Cecília voltaria para Pedras Altas outras vezes. Ela poderia ter morado em Paris ou Washington. Preferiu a amplidão dos campos.

O FIM DAS GUERRAS CIVÍS

A paz de Pedras Altas, entre as forças políticas que apoiavam BORGES DE MEDEIROS e suas reeleições sucessivas e aquelas que haviam se insurgido contra isso sob o comando de JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL foi assinada no castelo deste último em 14 de dezembro de 1923. A Revolução de 1923 durara apenas 11 meses, mas projetara sombras de preocupação sobre o estado. Estavam vivas ainda em todas as famílias as recordações da guerra de 1893, que fora o mais desapiadado de todos os confrontos da história do Rio Grande. As histórias das degolas e dos degoladores estavam presentes no imaginário popular. O recomeço de um confronto entre chimangos (que apoiavam o governo) e libertadores provocou, por isso, a preocupação em todo o país.

A paz foi conquistada depois das negociações comandadas pelo ministro da Guerra, general FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO, com a participação do senador JOÃO LYRA, representante do Congresso. O acordo obtido em Pedras Altas previa o fim daquilo que os rebeldes chamavam de "ditadura republicana", que permitia a reeleição sucessiva de BORGES DE MEDEIROS. Este concluiria seu mandato e não mais se recandidataria.

O acordo foi importante para o Rio Grande do Sul. O sucessor de Borges no governo gaúcho seria GETÚLIO VARGAS. Em 1930, a frente única rio-grandense teria forças para assumir o governo do país.

A DURA LIDA, A DOCE CALMA E OS FRAGMENTOS DE HISTÓRIA

Imponente por fora na solidez dos granitos rosados, com os torrões medievais parecendo vigiar a solidão dos campos, o castelo de Pedras Altas também impressiona por dentro. Móveis de madeira maciça, lareira fumegando, estátuas, espadas antigas, relógios que gemem pesadamente e retratos amarelecidos revelam segredos da família de Joaquim Francisco de Assis Brasil e mostram fragmentos da história do Rio Grande do Sul. Entrar na fortaleza é como espiar uma época de sonhos, revoluções e ideais.

Já na entrada do castelo, o visitante depara com a inscrição gravada na laje:

Bem - vindo à mansão que encerra

Dura lida e doce calma:

O arado que educa a terra;

O livro que amanha a alma.

Mais do que uma recepção, o verso indica a filosofia de Joaquim Francisco de Assis Brasil. Suor e sabedoria. Na granja de 300 hectares onde desponta o castelo, todos trabalhavam e cuidavam da educação. Depois de ordenharem as vacas Jersey, podiam ler Shakespeare em inglês.

A incursão pelo castelo começa pelo hall. Os móveis, estilo colonial, importados de Nova York, acomodaram políticos, revolucionários e intelectuais. Um enorme relógio, que pertenceu a Bento Gonçalves, o comandante da Revolução Farroupilha (1835-1845), titetaqueia sonolento. Cada objeto conta alguma história. Uma das janelas está com quatro vidros quebrados. Eles lembram que os chimangos (republicanos) invadiram a fortaleza. Assis Brasil não consentiu o conserto da vidraça, argumentando que "toda casa deve ter suas cicatrizes", o passeio continua pela sala do piano, onde as filhas de Assis Brasil alegravam os saraus. Nas paredes, fotografias expõem cenas insólitas. Numa delas Assis Brasil aparece brincando de Guilherme Tell com Santos Dumont. Exímio atirador, o diplomata acertou uma maçã colocada sobre a cabeça do pai da aviação.

A sala de jantar vai virando a roda do tempo. Uma fantasmagórica caveira de cervo comprova outra peripécia. Em 1895, Assis Brasil foi nomeado embaixador plenipotenciário para Portugal, com a missão de melhorar as relações diplomáticas, então bastante azedas. Habilidade e cativante, Assis Brasil logo caiu nas graças do rei Dom Carlos. Durante uma caçada, o rei mandou que o diplomata disparasse o primeiro tiro contra um cervo. Assis Brasil desculpou-se. O privilégio era de Sua Majestade. Como Dom Carlos insistisse muito, Assis Brasil atirou. O animal continuou andando. Então, o rei abateu a presa e, antes de se dirigir ao cervo caído, perguntou: "Mas onde está a sua fama de bom atirador?" A resposta: "Verifique a galhada direita, Majestade!" Diplomáticamente, Assis Brasil tinha atingido apenas o chifre do cervo.

Todos os 44 cômodos do castelo fascinam. A mobília dos aposentos de Assis Brasil veio de Paris. Doze lareiras aqueciam a família, Os banheiros ficavam dentro da fortaleza, numa época em que a lei mandava instalar sanitários fora das casas. Mas a biblioteca, talvez, seja a mais valiosa, com 15 mil livros. Há clássicos em inglês, francês e latim. Entre as relíquias, 22 volumes da Enciclopédia, de Diderot e D'Alambert, de 1751.

Os descendentes de Assis Brasil preservam o castelo. Zelam por cada fotografia, livro, cristal, prataria. Guardam datas e acontecimentos que permeiam a história do Rio Grande. Também estão mantendo a produção da granja. Os touros Devon continuam arrebatando prêmios. As vacas Jersey pastam ao redor das muralhas, fornecendo o leite para a fabricação da centenária manteiga de Pedras Altas. Assis Brasil e Lídia repousam no cemitério da Boa Viagem, à sombra de ciprestes e eucaliptos que semearam.